

Arte e Contemporânea

Do rizoma à autopoiesis

Do rizoma à autopoiesis

- O **conceito de rizoma criado por Deleuze e Guatarri** é um conceito fractal que nos leva a pensar em uma dimensão intermediária que nos **ajuda a superar as dicotomias do inteligível e do sensível, do discurso e do extradiscurso, do sujeito e do objeto.**
- O conceito de rizoma criado por Deleuze a partir da concepção que Barthes foi utilizado por Lévy como um **novo paradigma** para entender as **redes hipertextuais e as interfaces dinâmicas computacionais.**

Do rizoma à autopoiesis

- A descrição que Barthes faz do texto em S/Z é a descrição que contém todos os princípios fundamentais do hipertexto: **a rede não tem unidade orgânica; nela abundam muitas redes que atuam sem que nenhuma delas se imponha às demais; ela é uma espécie de galáxia mutante, com diversas vias de acesso**, sem que nenhuma delas possa ser qualificada como principal; os códigos que mobilizam se estendem até onde a vista alcança, **são indetermináveis**.

Do rizoma à autopoiesis

- Essas características das **redes** podem ser aplicadas **aos organismos, às tecnologias, aos dispositivos, mas também à subjetividade**. Somos uma rede de redes (multiplicidade), cada rede remetendo a outras redes de natureza diversa (heterogênese), em um **processo auto-referente (autopoiesis)**.
- O **sujeito é um sistema autopoietico** e, como todo sistema *autopoietico* definido por Varela e Maturana, ele se **organiza como uma rede auto-referente, que regenera continuamente por suas interações e transformação a rede que produziu**, e se constitui como sistema ou **unidade concreta no espaço em que existe, especificado o domínio topológico** no qual existe como rede.

Do rizoma à autopoiesis

- **A subjetividade é, como a cognição, o advento, a emergência (enação) de um afeto e de um mundo a partir de suas ações no mundo.**
- **Pensar a subjetividade como autopoiesis nos leva a descrever o saber, a razão, a cognição, a inteligência, não como faculdades de um sujeito, uma vez que eles são dimensões que co-emergem com os universos sociais.** Por outro lado, as “capacidades” que co-emergem com o indivíduo em **um processo de auto-engendramento não podem se vinculadas apenas a seu cérebro, mas a seu corpo, que ultrapassa de longe o seu invólucro corporal e se estende até onde se estendem suas redes sociotécnicas, seus hábitos, seus apegos.**

Da comunicação à biopolítica

- Biopolítico foi o termo forjado por Foucault para designar uma das modalidades do exercício do **poder sobre a população enquanto massa global**. Um grupo de teóricos, dentre eles Negri e Lazzarato, propôs uma pequena inversão conceitual. Com ela, a biopolítica deixa de ser a perspectiva do poder sobre o corpo da população e suas condições de reprodução, sua vida.
- **A própria noção de vida deixa de ser definida apenas em termos dos processos biológicos que afetam a população.**

Da comunicação à biopolítica

- A vida inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, a produção social e intelectual no contexto de produção social e intelectual geral. Vida significa afeto, inteligência, desejo, cooperação. A vida deixa de ser reduzida à sua definição biológica para se tornar cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão, energia **a-orgânica, corpo-sem-órgãos**.
- O *bios* é redefinido intensivamente, **no interior das máquinas semióticas, moleculares e coletivas, afetivas e econômicas, aquém das divisões paralisantes: humano/inumano, biológico/mecânico individual/coletivo**.

Da comunicação à biopolítica

- A vida ao mesmo tempo pluraliza-se e hibridiza-se, dissemina-se e alastra-se, moleculariza-se e totaliza-se, descola-se de sua acepção biológica para ganhar uma amplitude inesperada e ser, portanto, redefinida como poder de afetar e ser afetada, nas quais, na mais pura herança espinosiana. Daí a inversão, em parte inspirada em Deleuze e Guatarri, no sentido do termo criado por Foucault: biopolítica não mais como o poder *sobre* a vida, mas como potência *da* vida. A biopolítica concebida como potência de variação de formas de vida equivalente à biopolítica da multidão.

Da comunicação à biopolítica

- Enfim, acreditamos, com Foucault, e a partir dele, com Toni Negri, que atual sistema de produção de riquezas é assegurado por uma comunidade biopolítica.
- **Todos, trabalhadores e não-trabalhadores, participam do sistema produtivo pelo simples fato de contribuírem para a produção de afeto e subjetividade.**
- **Em parte porque o novo capitalismo é um capitalismo de sobreprodução, não transforma matéria-prima e energia, mas vende serviços para comprar ações.**

Da comunicação à biopolítica

- É o que nos mostra Deleuze e Guatarri em *Mil Platôs*: a produção de riquezas e a exploravam os espaços das fábricas e investiam na sociedade em que seu conjunto , assim, como **o trabalho se tornava cada vez mais produção de subjetividade, conjunto plural de capacidades produtivas, de capacidade de cooperação, de desejos e de afetos.**
- Eis porque não podemos pura e simplesmente **abandonar o campo de lutas que é a comunicação sob o pretexto de que comunicação é domínio do mostro da mídia e das redes de comunicação e de informação** sobre zumbis prisioneiros.

Matrix, ou a regressão da subjetividade

- Examinaremos rapidamente as idéias de alguns autores para os quais as tecnologias avançadas estariam levando a um **processo de regressão da subjetividade e das relações sociais**. É curioso notar que, depois de ter se tornado o filósofo da velocidade, Virilio condene o veículo do ciberespaço sob o pretexto de que ele levaria a uma anulação do espaço e a uma inércia polar.
- **Se cada veículo produz uma nova relação com o espaço - o espaço que se estende diante de nós não é o mesmo se dispormos de um cavalo, um carro, ou um avião - , por que não aceitar as diferenças produzidas pelo novo veículo do ciberespaço?** Longe de anular o espaço, as tecnologias produzem outras formas de espacialidade ou heterotopias.

Matrix, ou a regressão da subjetividade

- Baudrillard, seguindo o mesmo tema da anulação e da aniquilação, teme que **o processo de virtualização dos signos leve a uma estética da desapareição do real, uma vez que na era do simulacro as imagens de tornam auto-referentes (sem referente social exterior) e o real se torna apenas uma miragem produzida pelo simulacro.**
- Na verdade, a idéia de que os signos são auto-referentes – lembremos da Biblioteca de Babel de Borges, essa espécie de Buraco Negro capaz de anular toda a realidade externa – já está presente na lingüística de origem saussuriana para a qual não podemos sequer pensar uma realidade exterior que seja, desde sempre, pré-lingüisticamente formada.

Matrix, ou a regressão da subjetividade

- **Lyotard teme que a informação, cujas mensagens devem ser todas codificadas em linguagem de máquinas, transforme o saber em pura mercadoria para circular em suas redes de reprodução do capital.**
- Lyotard problematiza ainda o destino da arte e do nosso corpo em um mundo dominado pelo cálculo digital, que anula o aqui e agora, suporte de todo sentimento estético.

Matrix, ou a regressão da subjetividade

- Segundo Lyotard, a crise gerada pelas novas tecnologias diz respeito às condições do espaço e do tempo, com suas duas expressões: “moderna, só nos resta o espaço e o tempo e pós-moderna, não nos resta nem mesmo o espaço e o tempo” (Lyotard, 1989, p.120).
- Do ponto de vista conceitual, o que há de comum entre esses três pensamentos é que eles temem que a experiência do real por meio do virtual venha a ameaçar a experiência do possível. É preciso lembrar que ou bem o virtual é uma categoria estética que se apresenta como uma recriação do real recalcado ou é uma categoria tecnológica sem qualquer interesse.

Matrix, ou a regressão da subjetividade

- O problema destas colocações é antes de tudo estratégico: **Lyotard, Virilio e Baudrillard não perceberam que as tecnologias de informação e comunicação constituem um novo espaço de lutas entre outros. Um espaço ainda mais importantes, porque se tornou uma nova dimensão do sistema produtivo, e a este respeito não tem outro limite senão a finitude de nossos desejos.**

Referências

- BARTHES, Roland. S/Z. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulações. Lisboa : Relógio D'Água, 1991.

Sociedade da Disciplina e do Controle

- A passagem da modernidade para a contemporaneidade ocasionou a mudança de um modelo de sociedade. **De uma sociedade vista por Foucault como Disciplinar, para um modelo de sociedade identificada por Gilles Deleuze (1992) como de Controle.**
- Hoje, nós encontramos-nos num momento de transição entre um modelo e outro. Estamos a sair de uma forma de encarceramento completo para uma espécie de controle aberto e contínuo.

Sociedade da Disciplina e do Controle

- A chamada **sociedade de controle é um passo à frente da sociedade disciplinar**. Não que esta tenha deixado de existir, mas foi expandida para o campo social de produção.
- Segundo Foucault, **a disciplina é interiorizada**. Esta é exercida fundamentalmente por três meios globais absolutos: o medo, o julgamento e a destruição.
- Com o colapso das antigas instituições imperialistas, os dispositivos disciplinares tornaram-se menos limitados. **As instituições sociais modernas produzem indivíduos sociais muito mais móveis e flexíveis que antes**.

Sociedade da Disciplina e do Controle

- Essa transição para a sociedade de controle envolve uma subjetividade que não está fixada na individualidade.
- O indivíduo não pertence a nenhuma identidade e pertence a todas. Mesmo fora do seu local de trabalho, continua a ser intensamente governado pela lógica disciplinar.
- A forma cíclica e o recomeço contínuo das sociedades disciplinares modernas dão lugar à modulação das sociedades de controle contemporâneas nas quais nunca se termina nada mas exige-se do homem uma formação permanente.

Sociedade da Disciplina e do Controle

- **Enquanto a sociedade disciplinar se constitui de poderes transversais que se dissimulam através das instituições modernas e de estratégias de disciplina e confinamento.**
- **A sociedade de controle é caracterizada pela invisibilidade e pelo nomandismo que se expande junto às redes de informação.**
- **Se nas sociedades disciplinares o modelo dominante implica o observador estar de corpo presente e em tempo real a observar-nos e a vigiar-nos.**

Sociedade da Disciplina e do Controle

- **Nas sociedades de controle esta vigilância torna-se rarefeita e virtual.**
- **As sociedades disciplinares são essencialmente arquiteturais: a casa da família, o prédio da escola, o edifício do quartel, o edifício da fábrica.**
- **Por sua vez, as sociedades de controle apontam uma espécie de anti-arquitetura. A ausência da casa, do prédio, do edifício é fruto de um processo em que se caminha para um mundo virtual.**